

Rubin diz que os EUA precisam ajudar Brasil para evitar colapso

Anúncio de acordo entre Brasil e FMI pode ser adiado outra vez

José Meirelles Passos e Eliane Oliveira

• WASHINGTON e BRASÍLIA. Ontem foi mais um dia de ansiosa expectativa dos mercados financeiros em relação à carta de intenções do Governo brasileiro para o Fundo Monetário Internacional (FMI). A perspectiva de um acordo entre ambas as partes foi empurrada mais à frente.

O documento seria entregue amanhã à tarde, a tempo de ser apresentado para aprovação na reunião habitual do conselho de direção do Fundo, sexta-feira. No entanto, já se trabalhava com uma nova data para a finalização do acerto: segunda-feira.

— Se deixarem para entregar a carta no fim da tarde, ela vai ficar na gaveta até a próxima reunião do conselho, segunda-feira — disse um funcionário do FMI.

Uma série de gestos paralelos — e presumivelmente coreografados — foram acenados ontem aos mercados. O Federal Reserve (Fed), banco central dos Estados Unidos, divulgou declaração de sua vice-presidente, Alice Rivlin, dizendo que a comunidade financeira global está concentrada num plano para livrar o Brasil de uma crise:

— A comunidade internacional quer realmente impedir um colapso do Brasil. É muito importante para o contágio — disse ela.

À tarde, depois de falar ao Conselho de Exportação dos EUA, o secretário do Tesouro, Robert Rubin, negou-se a revelar detalhes das negociações em andamento na Basiléia, Suíça, para determinar o valor do pacote de ajuda financeira bilateral dos países ricos, ao Brasil. Ele disse que um anúncio será feito "num local apropriado e pelas pessoas apropriadas". E comentou:

— O importante é ajudar o Brasil, pois um colapso na maior economia da América Latina poderia ter efeitos substanciais em todo o hemisfério. E, portanto, sobre os Estados Unidos — disse Rubin.

Num artigo publicado na página de opinião do "Washington Post", ontem, o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, defendeu o organismo da enxurrada de críticas que vêm sofrendo — por não ter sido capaz de detectar as crises asiática e russa. Em meio a seu contra-ataque, ele fez um elogio ao presidente Fernando Henrique Cardoso e outros líderes que, como disse, tiveram a coragem de adotar duras medidas econômicas:

"O mundo é mesmo afortunado, pelo fato de que líderes políticos modernos não se acovardaram quando surge uma crise. Eu poderia mencionar os presidentes Cardoso, Kim (Coréia do Sul) e Menem, entre outros. Estou orgulhoso pelo fato do FMI ter estado presente para encorajar e ajudar os seus países em vencerem desafios extremamente difíceis" — escreveu Camdessus.

Em seu artigo, ele afirmou ainda que a história recente contradiz a noção de que líderes políticos podem ganhar favores evitando realizar as necessárias reformas econômicas. "Líderes que deixaram de encarar a estabilização econômica e as reformas foram removidos de seu posto", lembrou Camdessus, referindo-se ao resultado de recentes eleições.

Em Brasília, o senador do partido Democrata dos Estados Unidos, Joe Lieberman, saiu ontem de uma audiência com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, convencido do apoio do Congresso brasileiro às medidas de ajuste fiscal en-

caminhadas pela equipe econômica. Joe Lieberman disse que sua viagem ao Brasil teve por objetivo levar uma mensagem de apoio do Congresso americano ao Governo brasileiro. Ele assegurou não ter nenhuma dúvida de que as discussões em Washington e na Suíça estão em sua fase final.

— Com a ajuda do FMI (Fundo Monetário Internacional), da comunidade internacional, da liderança do Governo Fernando Henrique e do Congresso brasileiro tudo estará resolvido — ressaltou.

Lieberman disse que vai enfatizar, aos líderes políticos americanos, a importância da responsabilidade fiscal e do esforço do Governo brasileiro para conter os déficits atuais. O senador assegurou que o apoio dos organismos e da comunidade internacional ao Brasil vai continuar.

Lieberman disse que a aprovação das medidas pelo Congresso era a principal pergunta a ser feita a Malan no encontro de aproximadamente 30 minutos que teve ontem com o ministro. Pela manhã, o senador esteve com o presidente Fernando Henrique Cardoso e o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães.

— A economia brasileira é forte, apesar dos problemas — comentou o congressista americano, frisando que, com a ajuda do Congresso para o ajuste fiscal, a linha preventiva que o Brasil vai obter dos organismos internacionais poderá nem ser utilizada.

Segundo ele, a economia brasileira é particularmente importante, em razão dos investimentos privados americanos no Brasil — o quinto principal mercado para os investidores dos EUA. Os investimentos diretos daquele país somam US\$ 37 bilhões. ■